

RAP E BATALHAS DE MCS: ENTRE O ENTRETENIMENTO, O PODER E O ALÍVIO CÔMICO

RAP AND MC BATTLES: BETWEEN THE ENTERTAINMENT, THE POWER AND THE COMIC RELIEF

Dossiê:

Tramas dialógicas do
cancioneiro brasileiro



ORGANIZADORES:

María del Pilar Tobar Acosta



João Vianney Cavalcanti Nuto



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 67, abr. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 23/01/2025

Aceito em: 17/04/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Franco Berwanger da Rosa  

FEEVALE | francoberwanger@hotmail.com

Denise Blanco Sant'Anna  

FEEVALE | denise@feevale.br

Resumo/Abstract

Este estudo busca analisar a forma como as Batalhas de MCs, movimento derivado do RAP, representa um espaço de múltiplas possibilidades para os rimadores que utilizam o humor como ferramenta argumentativa e os impactos dessas escolhas para eles, enquanto praticantes da modalidade e para o público que os acompanha. Para isto, foram selecionados excertos rimados e publicados na plataforma digital *Youtube*, de dois rimadores renomados no cenário brasileiro, MC Ajota e MC Jhony. Ambos são conhecidos nacionalmente por utilizarem do humor e o deboche para vencer suas batalhas de RAP. A partir dos recortes realizados, partimos para uma análise minuciosa de seus comportamentos e discursos à luz da teoria do humor, proposta por Terry Eagleton, em seu livro *Humor, o papel do riso na cultura*, bem como por meio do impacto da expansão do alcance do movimento devido ao crescimento das mídias digitais e, conseqüentemente, da heterogeneidade do novo público do RAP brasileiro. Concluímos que o uso do humor nas batalhas objetiva três principais fatores: o relaxamento por meio do alívio cômico, a elevação do MC a uma figura que exerce poder sobre o adversário e a assunção do papel de promoção de entretenimento para o público geral.

Palavras-chave: RAP, Batalhas de MCs, Hip-Hop

This study aims to analyze the way that the MC Battles, a cultural movement related to RAP, represents a place of multiple possibilities for the MCs who use humor as arguments in their freestyles and how it impacts their performances as MCs and their public perception. To achieve this goal, we selected some excerpts of battles of two MCs well known in Brazil: Ajota MC and Jhony MC, uploaded in the digital platform Youtube. Both are recognized for using humor as a tool for their rhyming strategies in order to win the RAP battles. From that we analyzed carefully the behavior and the two referred MCs, based on the humor theory proposed by Terry Eagleton in his book called *Humour*, such as wondering about the influence of the fast-sharing media and how it expands and differentiate the public who consumes RAP nowadays, making it a product for consumerism in Brazil. We concluded that the use of humour in MC Battles has three main objectives: relaxing through the comic relief, the rise of the power of MC in battles against its challengers such as his function of promoter of entertainment for who are watching him rap.

Keywords: RAP, MC Battles, Hip-Hop

INTRODUÇÃO

O Hip-Hop, embora seja um movimento moderno, criado há cerca de cinco décadas, passou por rápidas e sólidas transformações. Quando surgiu, por volta dos anos 1970, era produzido e consumido por grupos sociais específicos. Ou seja, era um movimento nichado e que representava e supria as necessidades e desejos de uma parcela da população juvenil. Em um mundo em que o desenrolar das relações sociais se transformam e potencializam a cada década, é natural que pequenos movimentos passem a circular por espaços mais amplos e heterogêneos, e que as linguagens circulantes em seus meios se alterem a fim de englobar um público ainda maior.

Com o advento da internet e sua popularização, as expressões culturais do tronco Hip-Hop, que antes eram manifestadas em espaços de pouca visibilidade, escalaram a um patamar global de circulação. Pequenos eventos, situados em locais alocados nas periferias dos grandes centros urbanos, se tornaram acessíveis por meio de gravações publicadas em plataformas on-line de compartilhamento de vídeos. Com isso, o Hip-Hop se destacou como uma cultura que transita entre a grande mídia, ou *mainstream*, e a cultura de rua, ou *underground*.

A partir dessas transformações, tornaram-se cada vez mais evidentes os impactos nas formas como os discursos rimados pelos MCs e a recepção da plateia correspondem entre si. O RAP produzido nas batalhas não apenas atende ao público que compartilha de seus ideais. Ele parece, agora, ter de se adaptar a outras exigências desse(s) ouvinte(s) tão mais globalizados.

RAP: FREESTYLE E BATALHAS DE MCS

Em tradução livre para o português, o termo *freestyle*, do inglês, significa estilo livre. No universo Hip-Hop, se refere ao fazer poético de versos rimados improvisados oralmente. Normalmente, são feitos individualmente, por jovens participantes de grupos que se reúnem para a realização da prática. Este fazer não se limita à execução das rimas, entretanto. Esta prática cultural predominantemente juvenil é fortemente marcada pela organização de eventos denominados Batalhas de MCs, nos quais os jovens se reúnem em círculos formados pelo público, para, alternando a tomada da voz, improvisar seus versos rimados.

Nas rodas de rimas, portanto, os MCs devem executar seus próprios freestyles. Por se tratar de um estilo livre, dificilmente há alguma pré-indicação temática. Dessa forma, há uma variedade infinita de assuntos que podem surgir, e de fato surgem em suas apresentações.

Por haver tamanha liberdade no ato de fazer freestyle, os estilos de improvisos variam. Há MCs que geram entretenimento exclusivamente por meio de rimas engraçadas, as quais fazem chacota dos adversários. Há também os que rimam versos violentos, que difamam e desacreditam, criticando aspectos físicos, éticos e morais dos adversários. Além deles, porém, existem aqueles que tendem a seguir o quinto elemento do Hip-Hop: o conhecimento. Os improvisadores que seguem essa linha, proposta por Afrika Bambaataa em 1977, e que tinha como objetivo reforçar “sua potencialidade como instrumento de transformação” (Teperman, 2015, p. 27), veem em seus papéis como MCs conscientizar o público de forma crítica, fazendo o uso do RAP como ferramenta pedagógica e de transformação social.

As batalhas de MCs no Brasil consistem em rodas de, normalmente, adolescentes e jovens adultos, sobretudo negros. Há também uma parcela inferior, ainda que crescente na atualidade, de homens brancos, mulheres e crianças. Acontecem, normalmente, em frequência semanal e são gratuitos (Silva, R.V. 2020). Para participar de um evento de batalha de MCs, o candidato deve contatar a organização no momento do evento e efetuar sua inscrição. Em alguns casos, é cobrada uma pequena taxa de inscrição, de até cinco reais.

Com a ampla popularização, via redes sociais, das batalhas de rimas no Brasil, houve um processo de homogeneização dos formatos das batalhas, na busca pela padronização da estruturação dos eventos. Dessa forma, se no passado haviam poucos rimadores, cujas participações eram facilitadas pela pouca concorrência às vagas, hoje em dia as dezesseis disponibilizadas para a competição podem não ser suficientes, dado o amplo interesse dos jovens em fazer parte do movimento. Por este motivo, caso esta quantidade seja extrapolada, se faz necessária a realização de um sorteio com os inscritos, os quais podem, por sorte ou azar, ser selecionados ou removidos da lista de participação.

Após a comissão divulgar os candidatos selecionados para participar da edição da batalha, os confrontos são, um a cada vez, selecionados por meio de outro sorteio. Cada MC terá um número cor-

respondente, de um até dezesseis, e a organização solicitará a alguma pessoa da plateia para que escolha dois números dentre eles, os quais correspondem a nomes dos MCs inscritos. Assim, os confrontos serão formados, um de cada vez.

Tejera (2013) explica detalhadamente este processo. De acordo com ele,

Em geral, na frente de cada nome é colocado um número, iniciando do 1, seguindo assim na ordem crescente até chegar no nome do último inscrito. Seguidamente solicita-se que cada espectador diga um número, até a chave se formar. Por exemplo: se os dois primeiros números ditos pelos espectadores forem três e cinco, o rimador, cujo nome contém o número três na frente, batalhará com o rimador de número cinco. O organizador vai pedindo aleatoriamente para o público ir dizendo os números, até que o organograma esteja completo (Tejera, 2013, p. 9).

No decorrer do processo, a roda passa a tomar forma, e um espaço semelhante a uma arena é formado. Os MCs selecionados são chamados pelo vulgo, ou apelido, escrito no momento da inscrição, e devem se direcionar para o meio da roda. Lá, normalmente decidem quem iniciará rimando, recorrendo a um simples jogo de par ou ímpar. Decidido quem começará, a equipe organizadora solta o som e instaura um coro (ou grito de guerra) que será repetido pela plateia. O clima de conflito se intensifica, os MCs e a plateia tomam posição, já aquecidos pela aclimação.

Embora uma grande parcela das rodas de rimas ao redor do país possua seu próprio grito de guerra, ou coro, muitos, que antes apresentavam especificidades características de cada evento, também passaram por um processo de homogeneização. A forte influência, por meio de canais de transmissão em redes sociais, de grandes eventos como as batalhas da Aldeia e da Norte, em São Paulo, e a Batalha do Coliseu, no Rio de Janeiro, das quais os melhores MCs do país participam, fez com que estes gritos se tornassem cada vez mais semelhantes. Muitos são repetidos sem qualquer alteração em rodas culturais do Brasil inteiro. Estes, normalmente contêm ou uma mensagem de protesto ou de ironia e já são habituais para o público de todo o país, devido à alta propagação online. Dessa forma, esse público que comparece às batalhas, sejam elas realizadas no Sul, Norte ou Nordeste, cantam junto à organização. Dentre os coros que circulam por todo o país, podemos citar:

1. “E a maldade vem do homem que deu vida para você. Vai morrer ou vai matar? Vai matar ou vai morrer? E a bondade vem da mulher que não deixou nada faltar, vai matar ou vai morrer? Vai morrer ou vai matar?”.
2. E aí, o que que há? Ele te atacou, você vai deixar? (2x)
3. Geral levanta a mão, os mano, as mina, skatista, ladrão. (2x)

Após o canto do refrão, o duelo se iniciará. As batalhas de rua acontecem em um sistema de turnos, no modelo melhor de três (Tejera, 2013). Enquanto um rima, o outro apenas ouve. Dado o tempo estabelecido, é a vez do que foi ouvinte tomar a palavra e fazer a réplica. Assim posto, há no mínimo dois e no máximo três *rounds* por duelo. Se um MC vencer os dois primeiros *rounds*, ele estará classificado para a próxima fase. Caso vença um e perca o outro, acontecerá um terceiro para desempate. O improvisador que se sair melhor no terceiro *round* vence, por fim, aquela batalha, passando para a próxima fase, na qual enfrentará outro classificado. A estrutura segue dessa maneira, até a conclusão da batalha final e, consequentemente, o fim do evento.

O formato mais comum nas batalhas prevê, nos dois primeiros rounds, entre trinta e quarenta e cinco segundos para o MC rimar. Este formato é chamado de Tradicional. Durante este tempo, o improvisador deverá fazer seu freestyle. Ou seja, fará seu discurso rimado e improvisado sobre o assunto que desejar, seja com argumentos ofensivos contra o adversário, propondo reflexões para o público ou relatando sua realidade. No terceiro round, para desempate, normalmente acontece o formato bate-volta, no qual os MCs intercalam pequenos turnos para o uso da voz, em uma sequência de ataque e resposta, a qual é composta por quatro voltas, ou turnos, para cada um. Cada turno, segundo Campos (2020, p. 28), possibilita que o MC tenha tempo para “cativar o público, o qual concede a vitória a um/a dos/as oponentes por meio do barulho”.

O HUMOR NAS BATALHAS DE MCS

A rima humorística é, provavelmente, a forma mais comum de improvisação nas batalhas do Brasil. Elas surgem nas mais diversas abordagens: nas piadas sobre familiares, sobre aparência física, sobre relacionamentos, gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo em que ignora e, por vezes, contradiz as idealizações originárias do RAP, de transmitir mensagens de conscientização social e de respeito à diversidade, retoma traços mais simples, também propostos no início do movimento Hip-Hop: suavizar tensões sociais violentas por meio do entretenimento.

Alguns MCs, como Billy e Barreto, moradores das periferias de São Paulo, entrevistados por nós em outra pesquisa realizada sobre batalhas, afirmam ter como objetivo em seus papéis como MCs conscientizar o público, conectar-se com ele e compartilhar experiências de vida. Entretanto, apesar disso, atraem-se ainda pelas batalhas em que o humor, ofensivo ou não, assume como ponto central da discussão. Para eles, o objetivo do encontro dos MCs pode ser o momento ideal e esperado de descontração das tensões da rotina.

Billy, 24 anos, é estudante de Biologia da USP e trabalha desde muito jovem. Segundo ele, as obrigações profissionais e estudantis, a necessidade de se locomover por meio de transporte público e os afazeres domésticos são cansativos e demandam muita energia. Além disso, o estresse gerado pela baixa remuneração o desmotiva. Os encontros com os amigos nos eventos das batalhas encarregam-se da descontração e do lazer frente à exaustiva rotina do MC.

Eagleton (2020) apresenta a teoria do humor como alívio. Para ele, a risada é uma linguagem universal e pode expressar a desconexão com as obrigações sociais. Uma espécie de liberação de impulsos reprimidos durante a socialização em ambientes formais nos quais convivemos com outras pessoas diariamente. Para o crítico britânico, “a construção da realidade social é um negócio cansativo que exige esforço prolongado, e o humor nos permite relaxar” (Eagleton, 2020, p. 61)

O relaxamento de tensões vem com a liberação da postura controlada que o indivíduo deve assumir em ambientes formais. Em uma espécie de clima carnavalesco, aos moldes da teoria de Mikhail Bakhtin, os eventos de batalhas surgem como espaços populares de liberdade de expressão. Não há espaço para julgamento alheio. Todos procuram a diversão. Alguns, o aprendizado. O que há em comum, de fato, é a comunidade e o riso como gesto coletivo. O riso, para o teórico russo, segundo Fiorin (2020, p. 97) “dessacraliza e relativiza os discursos de poder [...]”, e a literatura carnavalesca “não exalta a tradição, mas critica-a e opta pela experiência e pela livre invenção; constrói a pluralidade intencional de estilos e vozes”. (p. 98).

Para Fiorin (2020) no carnaval bakhtiniano

suspendem-se as interdições, as restrições, as barreiras, as normas que organizam a vida social, o desenrolar da existência normal. Derrubam-se as hierarquias e todas as formas de medo que ela acarreta, a veneração, a piedade, a etiqueta. Demole-se tudo o que é ditado pela desigualdade social ou qualquer outra forma de diferença (de idade, de sexo, etc.). (Fiorin, 2020, p. 98)

A seriedade é escancarada e imbecilizada, e “a linguagem torna-se obscena, não respeitando os limites da decência, do decoro” (Fiorin, 2020, p. 99), bem como desregulariza todo e qualquer autoritarismo ou dogma.

A grande questão acerca da contradição dos valores do movimento Hip-Hop, de respeito com a diversidade e investimento no conhecimento, com o puro desejo de gerar entretenimento para o público, configura o dilema da carnavalização. As batalhas como produção cultural popular organizada e vivenciada quase que exclusivamente por grupos marginalizados carrega fortes posicionamentos, representados e externalizados pelos MCs e pelo público, de resistência às normas das culturas ditas eruditas e à opressão das classes dominantes. Essas aparecem, sobretudo, em círculos sociais dotados de convenções sociais formalizantes e exclusivas. A marginalidade do movimento e a liberdade de expressão podem pôr, entretanto, em cheque o interesse maior da organização do evento. Não é fácil separar o julgamento e a preferência individual por MCs que priorizam as críticas sociais e exaltam seus sentimentos por meio de suas rimas, da desvalorização daqueles que executam rimas generalizantes que poderiam ser feitas em qualquer momento oportuno, contra qualquer adversário, ou em qualquer contexto, como as rimas humorísticas. Essas últi-

mas não dependem de um contexto específico, visto que são, muitas vezes, superficiais e adaptáveis a diversos contextos discursivos.

O ponto de inquietação aparece exatamente nesta contradição. Classificar o *freestyle* crítico, como elevado, baseando-se no quinto elemento do Hip-Hop, o conhecimento, proposto por Afrika Bambaataa, é, de alguma forma, semelhante ao ato de formalizar e/ou restringir a própria essência do termo *freestyle*. Daí a contradição. Em um movimento que prega a liberdade artística e de expressão por meio do discurso, hierarquizá-los não parece correto.

Podemos, a partir disso, admirar os valores elevados de *freestyles* menos generalistas, visto que são mais autênticos e demandam maior capacidade de criação dos rimadores, por se encaixarem apenas em contextos muito específicos. Mas não devemos julgar quem não o faz. Afinal, o *freestyle* humorístico é tão válido dentro do movimento, por promover entretenimento, quanto o *freestyle* crítico por promover reflexão.

Ademais, o *freestyle* humorístico pode atingir um público mais amplo justamente por incentivar a anestesia por meio do riso. A diversão, para Adorno (2021, p. 28) é o prolongamento do trabalho. “Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizados, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo”. Para ele, “divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra”. (Adorno, 2021, p. 37). Daí, a impopularidade das batalhas em que prevalecem os *freestyles* críticos. Eles retomam o sofrimento já vivido nas periferias. Não anestesiaram o público e não o entretém completamente. Não desviam sua atenção, mas podem deprimi-lo e torna-lo melancólico.

Ajota é um MC com muita capacidade para a elaboração de *freestyles* críticos e expressivos. Entretanto, costuma participar de batalhas com um copo de bebida alcóolica em mãos e fazer rimas humorísticas, desvirtuando seus adversários. Durante sua participação nos duelos, bebe. O possível alcoolismo é apontado pelos oponentes durante as batalhas. As respostas de Ajota são, porém, sarcásticas em relação a isso. No confronto contra Gomes, outro grande MC e representante do Distrito Federal no Duelo Nacional de MCs, o maior campeonato do Brasil, responde aos ataques à sua atitude de batalhar portando um copo de bebida. Ajota rima: “Ah, nada a ver, cê quer falar da minha bebida / me dá 5 real pra você cuidar da minha vida.” Na sequência, afirma: “Aê, Gomes, escuta o que eu vou falar pra tu / tirar meu copo? É melhor tirar a espada do Rei Artur.” A atitude de Ajota, de beber enquanto participa da roda de rimas e de debochar dos outros, pode ser justificada por versos proferidos por ele nesta e em outras batalhas. Por exemplo, ainda contra o mesmo MC, posteriormente, após ser criticado duramente por Gomes por ser um mau exemplo para as crianças que assistem às batalhas, assume uma postura séria e altera o tom de seu *freestyle*. Abaixo, está a transcrição dos versos em que descreve algumas situações pela qual passou e os motivos pelos quais escolheu beber.

Ajota

*Eu agradeço toda batalha
eu agradeço cada sorriso
porque a bebida é algo que eu gosto
mas eu largo o copo, dele eu não preciso*

*Se eu tô aqui, é que eu mereço
Tenho meu espaço e a ele agradeço
você é monstro, isso eu reconheço
não é uma bebida que faz o meu preço*

*Não é uma bebida no meu endereço
Nenhuma bebida me fez MC
São sete anos rimando na rua
não é esse copo que me fez “tá” aqui!*

Posteriormente, ainda contra Gomes, afirma:

O meu pai, com 9 anos, tava na cadeia

*Com 11 anos, estava meu tio
Eu com fome e a situação feia*

*Eu sei que eu não preciso dessa bebida
E também da cadeia não preciso
Mas a bebida foi o motivo
Pra eu poder arrancar muito sorriso!*

A justificativa do estilo de rimar de Ajota, com humor, aparece também em uma batalha contra outro MC, de vulgo Riaj, na 37ª edição da Batalha da Norte. Para ele, o sofrimento não deve se tornar assunto nas batalhas.

Ajota

*Tive um pai preso
com 9 anos de idade,
vi ele sair e ingressar
numa das melhor faculdade*

*Minha vida foi sofrida
eu tive que trabalhar,
mas eu faço minha rima
não venho pra cá chorar!*

Ajota

*Existia um cara que tomou dois nas costas
ele tinha pele preta e era meu amigo
mas cê não vê eu falando essas coisas na batalha
porque eu não acho que desgraça tem que vir ganhar grito!*

E, também, contra Billy, na 228ª edição da Batalha do Ana Rosa:

Ajota

*Eu não chorei no chuveiro
eu não chorei na enchente
eu chorei em cima da moto
em frente a um mar de gente*

*Enquanto eu tava lá
passando necessidade
chorei pedindo para Deus
para ter essa oportunidade*

Billy

*Chorando porque tava pedindo oportunidade
Cê viu como não tem criatividade?
Roncando de moto, não é de verdade
Pensou no bem próprio e esqueceu do bem para sua comunidade*

Ajota

*Mas e o bem pra minha comunidade? Tá de boa
Bem pra mim é o quê?
Bem pro meu pai e pra minha coroa*

Eu tô roncando de moto

*essa é minha atitude
pra ter ela trampei quinze horas no iFood!*

Segundo o próprio MC, o motivo pelo qual ele comparece e participa dos eventos não é chorar pelo sofrimento vivido. Apesar de ter tido o pai e o tio presos quando ainda era apenas uma criança, passado fome e de ter tido que trabalhar por extensas horas como entregador em aplicativos, ele não acredita que histórias de sofrimento devam “ganhar grito”. Ou seja, serem ovacionadas pelo público. Complementa-se a isso a sua afirmação de que a bebida é um dos meios pelo qual ele consegue arrancar sorrisos do público. Para Ajota, ao que tudo indica, o humor e o entretenimento valem mais do que a expressão melancólica e a reflexão crítica nas batalhas. Isso não gera desvalorização a suas rimas, apenas as diferencia dos outros estilos de *freestyle*, os quais, visivelmente, ele também é extremamente capaz de executar.

Nas batalhas, o humor surge de diversas formas, as quais fazem parte do jogo argumentativo do movimento. Uma troca em batalha de *freestyle* é a liberdade para dizer o desejado e ouvir o indesejado. É a expressão dos pensamentos inexprimíveis em ambientes normatizados, institucionais e protocolares. Ao fazer parte de um evento como esse, o MC deve ter em mente que poderá ser ofendido. As ofensas, entretanto, costumam ocorrer exclusivamente na troca discursiva dentro da batalha. É comum, inclusive, que os participantes achem graça das piadas que seus adversários estão proferindo contra eles. São abomináveis, exclusivamente, discursos racistas e, por vezes, homofóbicos e misóginos. Entretanto, por ser um movimento cultural predominantemente masculino e jovem, os dois últimos acabam acontecendo e, eventualmente, são aceitos.

Em uma batalha da edição 96 da Batalha da Norte, MC Ajota e MC Perigo, um rimador do Rio de Janeiro, também conhecido nas redes sociais por extravasar com piadas ofensivas contra seus adversários, oferecem uma sequência de ofensas um contra o pai do outro. Enquanto realizam as rimas, ambos dão risadas, juntamente da plateia.

Perigo

*Tá ligado no improvisado
Eu escuto de longe
Tu chegando de longe e teu pai:
Sai daí, o viciado*

Ajota

*O seu pai é diferente, o pai desse MC
Ele não fala: sai viciado
Ele fala: sou viciado, vou sair*

*Cê tá ligado, porque eu não posso entrar
Que senão a geladeira
E o fogão eu vou penhorar*

Perigo

*E o teu pai, da biqueira era o maior freguês
Lá tava estampado: viciado do mês
O teu pai é igual ao Julius, ele não tem sossego
Profissão de cheirar coca, ele trampa em dois emprego*

Ajota

*E o seu pai que ele é o cara mais legal
Ele é um cão da receita federal
E quando ele vê uma bagagem com droga, é um desespero
Ele fala: é cocaína, essa eu já senti o cheiro.*

Os versos, embora sejam demasiadamente agressivos, são aceitos e até mesmo incentivados pelo público, que se diverte ao ouvir. As ofensas são compreendidas exclusivamente como entretenimento. Ainda que a temática seja delicada, no contexto exclusivo das batalhas de rima (quase) tudo é aceito. Caso contrário, a dinâmica do *freestyle* não faria sentido. As rimas proferidas nesses contextos são, normalmente, generalistas, por isso não são entendidas como ofensas pessoais direcionadas pontualmente para o adversário em questão.

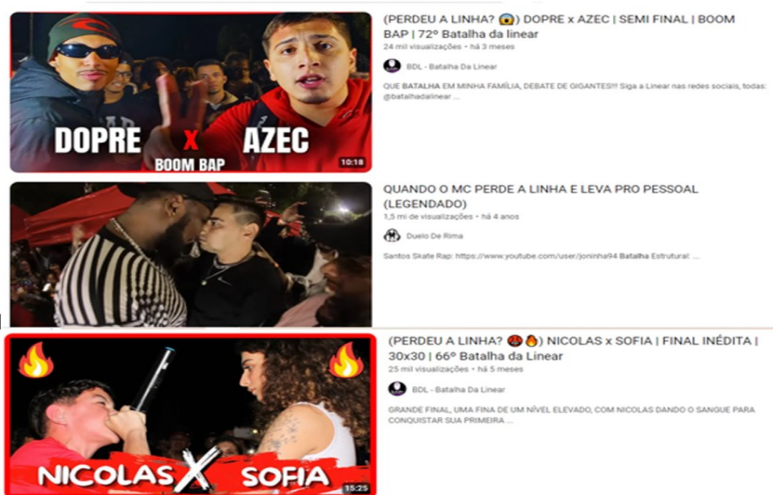
Como dito anteriormente, ao participar dessa dinâmica em que o humor ácido e ofensivo é comum, o MC deve estar consciente de que as piadas iniciam e terminam dentro da batalha. Exige-se, portanto, muita maturidade de quem está participando do evento, visto que há uma linha tênue entre piadas generalistas e piadas direcionadas para a vida pessoal dos MCs. Não são raros os momentos em que o participante se revolta com o que está sendo dito contra ele. A demonstração da indignação se torna alvo e a piada direcionada a ele se intensifica, gerando uma bola de neve de irritação no MC. Não à toa, há muitas batalhas cujos títulos destacam que a batalha ‘ficou pessoal’ ou que o participante ‘perdeu a linha’. (Figuras 1 e 2)

Figura 1: (Ficou pessoal)



Fonte: Youtube

Figura 2: (Perdeu a linha)



Fonte: Youtube

Para Terry Eagleton (2020, p. 23), o humor pode

expressar genuína agressão e ao mesmo tempo negá-la, uma agressão à qual a vítima não pode objetar sem parecer destituída de humor. Prender o alvo nessa posição insustentável pode ser parte da diversão.

Tal posição insustentável de vítima da piada, em um ambiente onde ela é permitida, e até incentivada, é o motivo pelo qual as batalhas nas quais algum dos participantes se ressentem com o que é

dito chama tanta atenção a ponto de receber um título que destaca o acontecimento. Há uma espécie de incitação e tentativa de desmoralizar o outro por meio da piada, ao mesmo tempo em que a ele é exigida a manutenção do autocontrole para que não deixe sentimentos de mágoa ou raiva ultrapassarem a razão e a frieza necessárias para a participação do jogo discursivo e dinâmico da batalha.

O deboche é uma forma de humor que se destaca nas batalhas. Esta estratégia argumentativa consiste na desmoralização dos argumentos do adversário por meio de sua ridicularização. Ou seja, não há uma argumentação construtiva para o debate discursivo, e sim a negação das falas do outro por meio da satirização forçada.

Eagleton (2020) aponta que este tipo de comédia afrouxa o punho da autoridade e zomba do tedioso e regrado universo da moralidade e da correção. O piadista enxerga o mundo como uma piada. Para ele, o correto não deve ser levado a sério. Ele, por meio da zombaria, ri da ingenuidade do homem e impede que o mundo “desvaneça em função do tédio”. (Eagleton, 2020, p. 69)

Jhony MC, grande representante, há mais de uma década, do cenário carioca nas batalhas de MCs, é um exemplo disso. Com um histórico de rebeldia e falta de disciplina no movimento, ficou conhecido por atos incomuns que contestam a o procedimento normal das batalhas. No ano de 2019, em um dos maiores eventos anuais do Brasil, o campeonato interestadual de MCs, após perder para seu adversário e demonstrar desacordo com os votos dos jurados, Jhony desafiou todos eles para um duelo. Em frente a milhares de pessoas, alegou “E só pra deixar justo, nenhum dos jurados que estão sentados ali nunca batalharam comigo. E se batalhassem, nunca me ganhariam”. O público, tomado pelo fervor do momento, foi à loucura. Jamais um MC havia feito algo semelhante. Não à toa, Jhony se tornou um dos rimadores mais populares no universo das batalhas.

O vídeo em que ele e os jurados se enfrentam possui mais de 9 milhões de acessos no Youtube, em abril de 2025, o que o consagra como um dos vídeos de batalhas de MCs mais assistidos no Brasil.

Indivíduos com atitudes como essa desfrutam da sensação de imortalidade e se permitem ultrapassar a barreira do bom senso e da disciplina por estarem blindados pela liberdade oferecida pelo evento para desrespeitar os oponentes em um acordo firmado em prol do entretenimento.

Em outro exemplo, Jhony alega que seu adversário utiliza cal virgem como droga. A plateia, novamente, dá muitas risadas e faz muito barulho para a rima de Jhony, o que é um sinal de aprovação. Seu adversário, MC Guri, rimador experiente, por sua vez, desmente a acusação. Expusemos a resposta por meio da transcrição dos versos abaixo:

Guri

*Eu entendo os gritos, mas parceiro
Comigo essa rima não dialoga
Até porque geral sabe qual que é meu discurso
Sempre disse não às drogas.*

*No estilo PROERD, mesmo, meu parceiro
Desde a minha infância
Pois eu tô focando nos menor!
Quem é que cospe fumaça em cara de criança?!*

Jhony

*Mas cê sabe, eu sou o trem
na cara de criança
e na cara de otário também!*

*Qual vai ser? Cê não era o machão, valentão
que se eu fizesse alguma coisa ia me bater?*

Na sequência, após a resposta de Guri, Jhony confirma que já havia soprado fumaça de cigarro na cara de outro MC, menor de idade, em outra batalha. O caso aconteceu contra MC Xamuel. Por meio de atitudes como essa, podemos perceber que em uma batalha de rimas não são julgadas apenas os discursos verbais, mas também a teatralidade e a ousadia. A postura incorreta de Jhony, em

vez de ser repreendida pela organização, é ovacionada pelo público. A organização, por sua vez, por lucrar com o entretenimento, se mantém omissa diante de atitudes como essa e, conseqüentemente, autoriza e reforça o sentimento de invencibilidade do MC desrespeitoso. A vítima, por outro lado, não pode questionar o ato formalmente, apenas respondê-lo por meio de atitudes semelhantes ou pela verbalização rimada nos moldes da batalha, pois, como dito anteriormente, está em uma posição insustentável, visto que tudo não passa de uma dinâmica autorizada e firmada em que toda piada é aceita, sem que nada deva ser levado para o lado pessoal.

Isso se traduz, de certa forma, em teatralizações e/ou performances que buscam atrair os votos do público para si. Por mais que os sentimentos se intensifiquem, os participantes sabem que o acordo comum do movimento, firmado indiretamente pelos MCs, pela organização e pela plateia, não permite que o confronto ultrapasse os limites da verbalização. São poucos os casos em que houveram agressões físicas. Há sim momentos de tensão, semelhantes a conflitos de adolescentes em escolas. A concretização da violência para além da verbalização, porém, raramente acontece.

Para concluir, vale ressaltar que Virginia Woolf (2024) colabora para a reflexão do valor do riso e do humor na arte. Em seu ensaio “O valor do riso”, publicado em 1905, Woolf lembra seus leitores de que o humor é a transgressão. O riso leva o indivíduo de volta à realidade e prova que, fora de seu próprio controle, ele ainda é humano, e que a realidade não é controlável. O riso está no âmago do ser humano e, assim, escapa da tentativa de controle de “uma massa de conhecimento pesado e indigerido” (Woolf, 2024, p. 27).

A autora ainda reforça que as mulheres e crianças, por não terem seus olhos “toldados pela erudição nem seus cérebros obstruídos pelas teorias dos livros” (Woolf, 2024, p. 27), preservam os espíritos cômicos. Tal pensamento parece coincidir com as afirmações de Burke (2010), quando declara que, ao utilizar conceitos como cultura erudita e cultura popular como diferentes e (quase) opostos, o debate deve considerar que há um tráfego de mão dupla entre elas, e que, conforme Woolf, se a erudição mata a comédia, todo erudito já foi cômico e, portanto, ainda pode sê-lo, mas nem todo cômico, ou popular, pode alcançar a erudição. Assim, se a cultura erudita, ou no caso das batalhas, as rimas críticas, são consideradas como superiores tecnicamente, compreende-se o motivo pelo qual a vitória do cômico parece gerar tanto desconforto. É como se, dentro deste contexto, a cultura popular possuísse maior valor do que a cultura erudita, ainda que esta demande maior empenho.

O que a autora parece afirmar, portanto, é que todo espírito é essencialmente cômico, e que o riso e o humor são a elevação, nem sempre bem-vista pela erudição, dos sentimentos originários do ser humano. Dado tal pensamento, é possível olhar com maior nitidez para a distinção entre os MCs que externalizam seus discursos com humor, e os que fazem críticas sociais. Entre os que buscam entreter a si e aos outros, e os que buscam informá-los. Entre a leveza da plateia ao contemplar o prazer do riso promovido pela piada, e a reflexão, nem sempre interessada, do questionamento proposto pelo outro MC. Assim é, de certa forma, compreensível a inclinação do público ao usufruto das rimas cômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, foi possível perceber que existem diversas motivações por trás dos discursos humorísticos rimados pelos MCs em batalhas de RAP. Alguns rimadores optam pelo estilo para esquecer dos problemas cotidianos ou para promover entretenimento para a plateia. Outros, para vencer as batalhas desmoralizando a figura do adversário e, assim, conseqüentemente, conquistar mais títulos e alavancar suas carreiras nas mídias digitais. Há ainda aqueles que o fazem para dessacralizar os discursos normativos e sérios, frequentemente presentes nos mais diversos ambientes de convívio social, mas que pode ser esquecido em espaços de propagação cultural, como as rodas de batalhas de MCs.

Por meio de exemplos como o de Ajota, foi possível destacar a relevância do cômico dentro do jogo argumentativo consciente e instituído entre duas pessoas dentro de uma roda de rimas. O cômico surge, nas batalhas, como uma forma segura, protegida pela instituição organizadora do evento, a qual demarca o espaço e o momento em que os indivíduos deixam a pessoalidade de lado, o que envolve, sobretudo, o peso da realidade familiar, profissional e social, e concordam em participar deste jogo, em prol do entretenimento coletivo. A similaridade com a carnavalização bakhtiniana se concretiza por meio de piadas que permeiam, ou até mesmo ultrapassam a linha do desrespeito, mas que, acima de tudo, são toleradas e publicamente aceitas no âmbito em que se propagam, pois ex-

pressam um desejo coletivo e, muitas vezes, velado de experienciar a invencibilidade sem enfrentar qualquer risco de punição.

Além disso, consideramos que há um forte impacto, para além das escolhas próprias dos MCs, das exigências de um público amplo e heterogêneo, oriundo de contextos sociais distintos e que não busca no Hip-Hop uma ferramenta de conscientização, mudança de vida espaço para a luta de classes, mas sim de mero entretenimento. Há, portanto, um contraste ideológico marcado pelo surgimento do RAP e seu papel político crucial no acesso de grupos marginalizados a espaços de debate político e uma nova onda de transformação do discurso em material de consumo para as grandes mídias.

Por meio dos excertos analisados, é possível sugerir que, apesar de as rimas serem improvisadas na hora, há certa consciência das atitudes dos MCs antes, durante e após a batalha, visto que os confrontos parecem ultrapassar as barreiras da linguagem verbal e surgir, para além dela, por meio da performance e da teatralização, os quais aparentam ser elementos essenciais e que funcionam como ferramentas intensificadoras das forças argumentativas nas ocorrências dos combates.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 13 ed. 2021.
- BATALHA DA NORTE. [EMOCIONANTE!] Ajota x Riaj | 37ª Batalha da Norte | Santana | SP. Youtube, 21 de março de 2022. 10:59. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BQm9IFYKAHU&t=187s>. Acesso em: 26/11/2024.
- BATALHA DA NORTE. Perigo (RJ) x Ajota | 96ª BATALHA DA NORTE. Youtube, 18 de junho de 2023. 8:24. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JOvqvIh3aHs&t=392s>. Acesso em 05/12/2024.
- BDA – Batalha da Aldeia. (PEGOU FOGO) JHONY x XAMUEL | PRIMEIRA FASE | 307ª Batalha da Aldeia. Youtube, 20 de janeiro de 2019. 12:17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wTOLhWN3rnY>. Acesso em: 09/12/2024.
- BDA – Batalha da Aldeia. JHONY DESAFIA OS JURADOS DA ALDEIA | INTERESTADUAL II | Barueri | SP. Youtube, 10 de janeiro de 2023. 10:25. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvWRZbNtvhY>. Acesso em: 07/12/2024.
- BDA – Batalha da Aldeia. JHONY X GURI | PRIMEIRA FASE | 315ª Batalha da Aldeia. Youtube, 07 de março de 2023. 11:42. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5VraEsx7UhE>. Acesso em: 07/12/2024.
- BDAR – Batalha do Ana Rosa. Ajota x Billy | 2FASE | 228ª Batalha do Ana Rosa. Youtube, 23 de março de 2024. 9:00. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_P5xiJTWH4. Acesso em: 05/12/2024.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo. Companhia das Letras. 2010.
- CAMPOS, Felipe Oliveira. **Rap, cultura e política: Batalha da Matrix e a estética da superação empreendedora**. São Paulo. Editora Hucitec. 1ª ed. 2020.
- EAGLETON, Terry. **Humor: O papel fundamental do riso na cultura**. Tradução Alessandra Borrunker. Rio de Janeiro. Editora Record. 2020.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Editora Contexto, 2020.
- ROSE, Tricia. **Barulho de Preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. São Paulo. Editora Perspectiva. 1ª ed. 2021.
- SILVA, R. V. da. **Rimas Conectadas: um olhar para as batalhas de MCs e para as performances do rap brasileiro na cultura digital**. In: MAGI, E.; MARCHI, L. de. (org.). *Diálogos interdisciplinares sobre a música brasileira*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 111-134.

- TEJERA, Daniel Bidia Olmedo. **Rap: o duelo de rimas no cotidiano do jovem**. 2013. 107 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013.
- TEPERMAN, Ricardo Indig. **O rap radical e a “nova classe média”**. Psicol. USP 26 (1). Jan-Apr 2015.
- WOOLF, Virgínia. **Ensaaios seletos**. São Paulo. Editora 34. 2024.